


Apresentação

Ana Paula da Silveira Simões Pedro*

 <https://orcid.org/0000-0002-0179-3589>

É inegável que o advento da Inteligência Artificial (IA)¹ veio alterar drasticamente, de forma permanente e duradoura, muito embora ainda não completamente conhecida, a vida política democrática e das instituições em geral – às quais as escolas não escapam – bem como o cenário da investigação académica em todas as áreas do conhecimento, particularmente nas Ciências Humanas e Sociais. Com efeito, o seu poder transformador é evidente na inovação e na produção epistemológicas de conhecimento que a sua utilização interativa proporciona, com impactos éticos profundos – positivos e negativos – que afetam não só a forma como pensamos, mas também como agimos e tomamos decisões.

O ritmo acelerado da IA generativa coloca uma sucessão de desafios à dinâmica e ao funcionamento das sociedades democráticas, cujos efeitos, de grande imprevisibilidade, incerteza e opacidade, ora podem erodir os valores de uma sociedade/escola democrática de liberdade, participação e decisão coletivas, ora podem servir de estímulo para o exercício de uma reflexão crítica e ética mais ponderada sobre o seu uso. Neste aspeto, em particular, podemos afirmar que “nada mudou” desde a Grécia antiga – berço da democracia – pela atitude aberta e vigilante de discussão pública na ágora da pólis que, então como hoje, exige que a reflexão se faça no espaço público.

Partindo do pressuposto de que nenhuma tecnologia é neutra e de que nem a democracia nem o desenvolvimento tecnológico digital são estáveis, lineares, passivos ou determinísticos, cabe à educação, na sua relação indissociável com a democracia enquanto ato político, o papel

* Universidade de Aveiro, Departamento de Educação e Psicologia, Portugal, Mestrado em Teoria do Conhecimento (Filosofia) e Doutoramento em Ciências da Educação. E-mail: <ana.pedro@ua.pt>.

¹ Adotamos a definição de IA do *High-Level Expert Group on Artificial Intelligence*, da Comissão Europeia, segundo o qual: “Sistemas de inteligência artificial (IA) são sistemas de *software* (e, eventualmente, também de *hardware*) concebidos por humanos que, tendo em vista um objetivo complexo, atuam no espaço físico ou digital, percecionando o seu ambiente através da recolha de dados, interpretando os dados estruturados ou não estruturados recolhidos, raciocinando com base no conhecimento ou processando a informação derivada desses dados, e decidindo qual ou quais as melhores ações a tomar para alcançar o objetivo definido. Os sistemas de IA podem utilizar regras simbólicas ou aprender um modelo numérico, podendo ainda adaptar o seu comportamento analisando de que forma o ambiente foi afetado pelas suas ações anteriores. Enquanto disciplina científica, a IA inclui várias abordagens e técnicas, tais como a aprendizagem automática (*machine learning*) (da qual a aprendizagem profunda (*deep learning*) e a aprendizagem por reforço (*reinforcement learning*) são exemplos específicos), o raciocínio automático (*machine reasoning*) (que inclui planeamento, calendarização, representação do conhecimento e raciocínio, pesquisa e otimização), e a robótica (que engloba controlo, perceção, sensores e atuadores, bem como a integração de todas as outras técnicas em sistemas ciberfísicos)” (High-Level Expert Group on Artificial Intelligence, 2019, p. 6, tradução própria).

fundamental de criar espaços de diálogo que promovam uma participação consciente, ética e crítica dos seus cidadãos, a fim de minimizar tendências autocráticas e manipuladoras.

Uma das primeiras e mais importantes preocupações acerca do uso da IA em contexto de investigação diz respeito à integridade, pedra angular da conduta ética académica. Assim, viver numa sociedade IA requer, necessariamente, por parte do investigador em Ciências Humanas e Sociais, o desenvolvimento de um conjunto de novas competências éticas, reflexivas e de pensamento crítico, capazes de dar uma atenção particular aos desafios associados ao uso da IA de forma responsável, bem como aos seus contributos para a compreensão do ser humano, da sua cultura e da sua história, que se possam traduzir no bem-estar da humanidade.

Esta Secção Temática intitulada *Ética e Integridade na investigação nas Ciências Humanas e Sociais na era da IA* reúne, por convite, especialistas e investigadores nacionais e internacionais da educação que conosco partilham as suas ideias e reflexões sobre os desafios éticos colocados pela IA às Ciências Humanas e Sociais.

O seu principal objetivo consiste em promover uma discussão e reflexão éticas sobre temas que têm gerado uma preocupação crescente na comunidade académica científica nacional e internacional, de que são exemplo os seguintes artigos:

- *Vícios e virtudes de práticas de uma educação para a democracia: dos vícios das práticas aparentemente democráticas às virtudes da democracia participativa crítica na era da IA*, que tem por objetivo fundamental refletir criticamente sobre a natureza da dialética entre vícios e virtudes que operam nos sistemas democráticos sob influência da IA e com os quais as escolas necessariamente se confrontam.
- *Democracia, epistocracia e o papel da inteligência artificial na melhoria das decisões democráticas*, no qual se examinam criticamente os desafios epistémicos das democracias contemporâneas e se propõe o uso ético da IA como meio de fortalecer práticas democráticas informadas, sustentando que uma democracia mais justa e informada só será possível se tecnologias como a IA forem concebidas como ferramentas de justiça epistémica.
- *Conhecimento humano e social na era da IA: ética do rosto e sabedoria prática*, que, partindo de uma interrogação nuclear – em que medida esse progresso serve os propósitos de desenvolvimento humano? – propõe uma reflexão sobre a ética na investigação em Ciências Humanas e Sociais, inscrevendo-se no quadro de uma ética relacional indexada a valores de alteridade.
- *Inteligência Artificial no contexto da ética em pesquisa em educação: a integridade académica e científica em crise?*, que tem por objetivo principal analisar e refletir sobre as condições reais para pensarmos o uso da IA nas pesquisas em educação, sob a indagação de quais implicações éticas e de integridade estão postas nos contextos académico-institucionais, sejam universidades e/ou órgãos de fomento à pesquisa.
- *Uso ético e responsável da IAGen em contexto de pesquisa*, que apresenta o Modelo de Governança da IAGen, delineando uma estrutura abrangente para a implementação responsável e integrada da IAGen em ambientes de pesquisa.
- *Ética e integridade académica: desafios e possibilidades do uso de Inteligência Artificial no processo de editoração científica*, que chama a atenção para a importância de estabelecer critérios éticos nos processos editoriais de publicação científica quanto ao uso da IA na produção, revisão

e publicação de textos, o que exigirá, necessariamente, uma formação ética e crítica de investigadores, editores e revisores de periódicos.

- *Foco ético em um bem comum – sobre as estratégias em uso para promover a integridade académica e científica*, que procura identificar as estratégias em uso da IA nas Instituições de Ensino Superior (IES) em Portugal no que respeita à integridade académica e científica.
- *Estratégias para promover a integridade académica num centro educativo de A Coruña (Galicia)*, que oferece uma reflexão teórica sobre o plágio académico e a integridade académica, alertando para o importante papel dos docentes na sua promoção.

Para que esta secção temática fosse possível, para além do contributo de todos os autores, contamos ainda com o inestimável contributo de todos os avaliadores, que gentilmente aceitaram realizar esta tarefa e foram fundamentais para o garante da qualidade da edição que ora apresentamos, e a quem gostaríamos de agradecer profundamente. Atuaram como avaliadores *ad hoc* os/as seguintes pesquisadores e pesquisadoras:

Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro – Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Carlos Roberto da Silveira – Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF). Pesquisador Bolsista de Produtividade do CNPq.

Carlos Fernandes Maia – Professor associado, aposentado, em Fundamentos da Educação e da Pedagogia, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

Isabel Baptista – Professora associada da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP-UCP).

Jefferson Mainardes – Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Marília Mendes Ferreira – Professora do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP).

Referência

HIGH-LEVEL EXPERT GROUP ON ARTIFICIAL INTELLIGENCE. **A definition of AI:** Main capabilities and disciplines. Brussels: European Commission, 2019. *E-book*. Disponível em: https://ec.europa.eu/newsroom/dae/document.cfm?doc_id=56341. Acesso em: 27 mar. 2025.